

Suzane Von Richthofen: cruelmente “interessada, inteligente e aplicada”

Suzane Von Richthofen: cruelly “interested, intelligent, and committed”

Suzane Von Richthofen: cruelmente “interesada, inteligente y aplicada”

*Lucas Matheus Araujo Bicalho¹
Filomena Luciene Cordeiro Reis²*

Resumo: O Crime da Família Richthofen é amplamente conhecido pelo público brasileiro devido à sua intensa repercussão com diversas manchetes nos mais variados meios de comunicação. Em meio à quantidade de informações veiculadas pela imprensa, a figura de Suzane von Richthofen foi explorada de forma intensa, reforçando estereótipos de gênero, enquanto os outros envolvidos no crime não receberam o mesmo tratamento na mídia impressa. Esta pesquisa analisa conteúdos jornalísticos, incluindo manchetes e reportagens dos jornais *Folha de São Paulo* e *Correio Braziliense*, publicados entre 2002 e 2006, com foco na representação de Suzane. Para isso, utiliza-se uma revisão de literatura qualitativa, considerando os aspectos socioculturais do caso, e adota-se a análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2020). Por meio dessas reportagens, observou-se a frequência com que certos termos e temas relacionados ao crime são associados à Suzane Richthofen, descrevendo-a com adjetivos como “louca”, “vadia” e “vagabunda”, carregados de discriminação de gênero. Abordagens sensacionalistas, além de distorcerem fatos, reforçam modelos patriarcais e estigmatizam figuras femininas por meio de rótulos específicos.

Palavras-chave: Análise de conteúdo. Crime. Gênero. Suzane Richthofen.

Abstract: The Richthofen Family Crime is widely known by the Brazilian public due to its intense repercussion with several headlines in the most varied media. In the midst of the amount of information published by the press, the figure of Suzane von Richthofen was intensely explored, reinforcing gender stereotypes, while the others involved in the crime did not receive the same treatment in the print media. This research analyzes journalistic content, including

¹ Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, bicalholucas7@gmail.com.

² Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, filomena.joao.reis1996@gmail.com

headlines and reports from the newspapers *Folha de São Paulo* and *Correio Braziliense*, published between 2002 and 2006, focusing on the representation of Suzane. To do this, a qualitative literature review was used, considering the socio-cultural aspects of the case, and content analysis was adopted, as proposed by Laurence Bardin (2020). Through these reports, we observed the frequency with which certain terms and themes related to crime are associated with Suzane Richthofen, describing her with adjectives such as “crazy”, “slut” and “tramp”, loaded with gender discrimination. Sensationalist approaches, as well as distorting facts, reinforce patriarchal models and stigmatize female figures through specific labels.

Keywords: Content analysis. Crime. Gender. Suzane Richthofen.

Resumen: El Crimen de la Familia Richthofen es ampliamente conocido por el público brasileño debido a su intensa repercusión con varios titulares en los más variados medios de comunicación. En medio de la cantidad de informaciones publicadas por la prensa, la figura de Suzane von Richthofen fue intensamente explorada, reforzando los estereotipos de género, mientras que los demás involucrados en el crimen no recibieron el mismo tratamiento en la prensa escrita. Esta investigación analiza el contenido periodístico, incluyendo titulares y reportajes de los periódicos *Folha de São Paulo* y *Correio Braziliense*, publicados entre 2002 y 2006, centrándose en la representación de Suzane. Para ello, se utilizó una revisión cualitativa de la literatura, considerando los aspectos socioculturales del caso, y se adoptó el análisis de contenido, propuesto por Laurence Bardin (2020). A través de estos informes, se observó la frecuencia con la que se asocian a Suzane Richthofen determinados términos y temas relacionados con la delincuencia, describiéndola con adjetivos como «loca», «zorra» y «golfa», cargados de discriminación de género. Los enfoques sensacionalistas, además de distorsionar los hechos, refuerzan los modelos patriarcales y estigmatizan a las figuras femeninas mediante etiquetas específicas.

Palabras clave: Análisis del contenido. Delincuencia. Género. Suzane Richthofen.

1 INTRODUÇÃO

Há milênios crimes de família são praticados. O relato hebreu, do período da antiguidade, sobre Caim, mostra que este, movido por fortes sentimentos de ira, acabou por concretizar o derramamento de sangue, isto é, o assassinato de seu próprio irmão Abel (Bíblia, 2009). A partir desse fato, percebe-se que crimes de família ocorrem desde tempos remotos. Em casos assim, mesmo laços de sangue não são o suficiente para impedir a consumação de impulsos humanos no sentido de ceifar uma vida.

Ao testemunhar ou ler sobre crimes familiares é possível associá-los a tragédias que ocorrem em periferias, envolvendo indivíduos de contextos desfavorecidos, marginalizados ou excluídos da sociedade, que recorrem à criminalidade como meio de sobrevivência. No entanto,

o assassinato de Marisia e Manfred Von Richthofen consiste em um dos episódios dessa natureza que desafia essa visão. Essa família, economicamente, era considerada estruturada e pertencente à classe média alta. Suzane Von Richthofen, filha do casal, nasceu em um ambiente privilegiado, fluente em vários idiomas e estudante de um dos mais renomados colégios de São Paulo. À época da morte de seus pais, estava matriculada no curso de Direito, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e era descrita por seus professores como uma acadêmica interessada, inteligente e aplicada (Casoy, 2016).

Na noite de 31 de outubro de 2002, ocorreu um crime familiar, despertando a atenção da sociedade brasileira por conta da brutalidade envolvida e circunstâncias excepcionais. Marisia e Manfred Von Richthofen foram assassinados pelos irmãos Daniel e Cristian Cravinhos de Paula e Silva com a participação de Suzane von Richthofen. Durante o ataque, Daniel Cravinhos matou Manfred Von Richthofen. Cristian Cravinhos assassinou Marisia Von Richthofen. Suzane Von Richthofen, por sua vez, aguardava na sala de estar da sua casa, considerada uma mansão, sem intervir. Segundo o perito Ricardo Silva Salada, as vítimas foram espancadas com um bastão pesado e cortante, causando mortes violentas e cruéis³

A partir da investigação pericial e diversos depoimentos, os réus confessaram o crime. Em 8 de novembro de 2002, o Ministério Público do Estado de São Paulo solicitou a prisão de Suzane Louise von Richthofen, Daniel Cravinhos de Paula e Silva e Cristian Cravinhos de Paula e Silva. Após o assassinato do casal Richthofen, a cobertura midiática foi intensa e abrangente. Meios de comunicação de massa, incluindo emissoras de televisão, canais de rádio, bem como repórteres de revistas e jornais brasileiros, se concentraram no bairro *Brooklin*, na zona sul de São Paulo, lugar onde o crime ocorreu. A imprensa logo iniciou a publicação de reportagens e manchetes sobre o caso Richthofen, abordando diversos aspectos, como detalhes do crime, investigação policial, possíveis motivações e vida pessoal dos réus. A atenção da mídia se concentrou, particularmente, na vida de Suzane Von Richthofen, gerando uma cobertura extensiva e detalhada.

Com a intensa cobertura midiática sobre o caso, a indústria da comunicação alimentou a curiosidade do público que, por sua vez, buscava mais informações, especialmente sobre a vida privada de Suzane Von Richthofen. Manchetes e matérias sensacionalistas foram criadas,

³ Os bastões foram construídos com perfilados de obra de ferros, com furinhos, semelhantes aos de prateleiras de escritórios. As barras, com formato da letra *u*, com bordas retas, se encaixam quando colocadas de frente.

produzidas e publicadas, frequentemente, atribuindo estereótipos de gênero a ela. Citamos como exemplos, a descrição da *Folha de São Paulo*, de 11 de novembro de 2002, que a rotulou como *vadia* e *vagabunda*, e a do *Correio Braziliense*, de 31 de outubro de 2003, caracterizando-a como uma mulher apaixonada disposta a fazer qualquer coisa. Em contraste, não foram encontradas reportagens que abordassem os réus masculinos com caracterizações similares. Essa disparidade na cobertura midiática revela que, os meios de comunicação foram além do fornecimento de informações, aspecto esse a ser explorado nesse estudo.

Para esta pesquisa, selecionamos fontes jornalísticas, incluindo manchetes dos jornais *Folha de São Paulo* e *Correio Braziliense*, que cobriram o caso Richthofen com foco na Suzane. Observamos, a partir de materiais coletados que, a maioria das fontes jornalísticas se concentra na figura feminina, frequentemente, categorizando-a de maneira depreciativa e características que desabonam sua imagem como mulher. Tal padrão de cobertura reflete uma tentativa de desumanizar e distorcer sua identidade feminina, algo também analisado nesta investigação científica.

Surgem, nessa perspectiva, questões importantes como problemas para análise: até que ponto interesses midiáticos continuam explorando o caso Richthofen, especialmente a figura de Suzane? e que distinção há entre o que é realidade na narrativa e o que é ficção midiática?. Frente a esse fato, este estudo abrange o período de outubro de 2002, data do assassinato do casal von Richthofen e subsequente prisão dos réus - irmãos Cravinhos e Suzane von Richthofen -, até 2023, ano de lançamento do filme sobre o caso. Ao longo desse período, reportagens e manchetes caracterizaram Suzane Von Richthofen como uma “não-mulher”, recorrendo a estereótipos de gênero para adjetivá-la.

Este estudo se justifica pela notoriedade e repercussão social e midiática do caso. Embora o ocorrido teve cobertura da mídia, observa-se escassez de estudos e pesquisas que o abordam, notadamente com um foco em Suzane von Richthofen, a partir de discussões e abordagens de gênero. Nesse contexto, a análise do caso Richthofen, a partir da perspectiva de gênero, possibilita, em se tratando de pesquisa histórica, uma compreensão de interações entre gênero, crime, mídia e justiça.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar conteúdos jornalísticos, incluindo manchetes e reportagens dos jornais *Folha de São Paulo* e *Correio Braziliense*, publicados entre 2002 e 2006, relacionados ao caso Richthofen, com foco na Suzane. O procedimento consiste na

análise de conteúdos, apoiada teoricamente por abordagens e estudos de gênero propostos por Joan Scott (2019), que considera o gênero como uma categoria de análise histórica. Além disso, buscamos identificar e categorizar manchetes, reportagens e obras cinematográficas relacionadas ao caso em questão, igualmente com foco na filha do casal Richthofen.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, realizamos revisão de literatura qualitativa, uma vez que, essa abordagem abarca o objeto de estudo nos aspectos socioculturais pertinentes. Nesse contexto, a metodologia adotada é a análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2020). Esse procedimento metodológico oferece mecanismos aplicáveis a análises de discursos, imagens e diversos documentos, proporcionando um campo de estudo no contexto da comunicação. A escolha desse caso é devido à sua repercussão nacional, que ressoa na memória coletiva, mesmo passados 21 anos da sua ocorrência.

A persistência desse impacto é evidenciada por reportagens e manchetes que continuam a ser publicadas, diariamente, em *sites*, jornais eletrônicos, *blogs* na *internet* e, particularmente, em veículos sensacionalistas exploradores do crime com fins lucrativos. Suzane von Richthofen é uma mulher conhecida, por boa parte do público brasileiro, cuja visibilidade é proporcionada pela sua representatividade na mídia. Por fim, destaca-se que, esta pesquisa não tem a intenção de condená-la ou exaltá-la por conta do crime cometido, contudo, o objetivo é apresentar um estudo de caso que aponte como a mídia ultrapassa limites do jornalismo informativo, ao desqualificar Suzane como mulher na sociedade e no contexto criminal.

2 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: CAMINHOS PERCORRIDOS

Para cumprir os objetivos propostos, empregamos o método quantitativo de revisão de literatura, uma abordagem de pesquisa que compreende fenômenos socioculturais. A metodologia adotada é a análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin (2020), cuja análise se constitui como um conjunto de instrumentos metodológicos, aplicáveis a discursos diversificados.

Após meados dos anos de 1970, os procedimentos metodológicos para análise de conteúdo se expandiram em diversas áreas de conhecimento, em virtude da proliferação de computadores e experiências com inteligência artificial. Nesse sentido, observa-se a utilização constante da análise de conteúdo, sobretudo no campo da comunicação como em discursos jornalísticos, propagandas, charges, literatura e outras categorias.

A análise de conteúdo de Bardin (2020) aponta para ideologias, valores e posicionamentos implícitos em textos jornalísticos, permitindo compreender como a mídia modela opiniões públicas e produz narrativas sobre um acontecimento. Ela possibilita estabelecer comparações com outros meios de comunicação como edições e períodos de tempo de uma mesma notícia, salientando diferenças e semelhanças na cobertura da imprensa. Portanto, percebe-se que, a metodologia de Bardin segue procedimentos estruturados de codificação e categorização, sendo um meio para examinar fontes jornalísticas.

Em relação ao referencial teórico, esta pesquisa é fundamentada sobre a História Cultural, conforme proposta por Sandra Jatahy Pesavento (2012), que enfatiza a importância das dimensões representações culturais e sociais, de mentalidades e imaginários coletivos na construção da identidade cultural e na apreensão da realidade. Outro fundamento desta pesquisa diz respeito a estudos de gênero, de maneira especial, em abordagens como a de Joan Scott (2019), Heleieth Saffioti (2004) e Regina Célia Lima Caleiro (2002), que exploram relações de mulheres na sociedade, abordando temas como violência, patriarcado e condição feminina no crime. Para a análise dos jornais, seguimos a metodologia de Tania Regina de Luca (2008) e dos estudos pioneiros de Maria Helena Rolim Capelato (1988) e Ana Luiza Martins. Tania Regina de Luca (2006, 2008) nos orientou sobre a história cultural da imprensa no Brasil.

3 O CASO RICHTHOFEN: APRESENTAÇÃO POR E NOS MEIOS IMPRESSOS BRASILEIROS

Acontecimentos do passado podem ser interpretados e apresentados de diversas maneiras, por diferentes personagens envolvidos no caso, direta ou indiretamente. Meios impressos buscam aumentar suas tiragens, enquanto emissoras de televisão, novas notícias para atrair telespectadores, recorrendo a diversos artifícios de conquista do público (Capelato, 1988). Com o objetivo de maximizar vendas, esses veículos, frequentemente, distorcem a realidade, promovem a violência por meio do sensacionalismo e abordam questões de sexo e gênero de maneira desigual. Esses jornais exercem um papel significativo como formadores de opinião, caracterizando-se, também, como mecanismos de manipulação de interesses políticos (Capelato, 2014).

Desde a sua criação, a imprensa, com sua abordagem da publicação, de acordo com Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca (2006, 2008), é influenciada por interesses sociais, culturais e econômicos, repetidamente, divulgando informações que não correspondem, de forma integral, aos fatos. Segundo Luca (2008), a partir da década de 1970, o uso de periódicos como fonte histórica para a compreensão da história do Brasil se intensificou. Nos anos de 1980, jornais brasileiros passaram a adotar uma nova abordagem, popularmente conhecida como *jornalismo de sensações*, impulsionada pelo avanço de tecnologias e mudanças em percepções de jornalistas sobre sua prática (Barbosa, 2024). Observa-se que, jornais se adaptam às suas necessidades e ao contexto histórico, social e político onde se encontram inseridos (Feltes *et. al.*, 2021).

Conforme Ciro Marcondes Filho (1986), a imprensa, constantemente categorizada como sensacionalista, amarela ou marrom, baseia-se na venda de produtos de aparência, priorizando o impacto visual de manchetes, em perda do conteúdo real das matérias. Nesses veículos, a notícia é reduzida à sua carga emotiva e sensacional, sendo amplificada e reconfigurada para maximizar o apelo comercial. Esse processo resulta na criação de uma nova narrativa, cuja principal função é atrair e captar a atenção do público, muitas vezes, desabonando a precisão e profundidade jornalística. A notícia é vendida, não por seu conteúdo substantivo, mas, pela maneira como é apresentada e comercializada. Sandra Jatahy Pesavento (2012) afirma que:

(...) dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena de novos grupos, portadores de novas questões e novos interesses. Os modelos correntes de análise não davam mais conta, diante da diversidade social, das novas modalidades de fazer política, das renovadas surpresas e estratégias da economia mundial e, sobretudo, da aparente *escapada* de determinadas instâncias da realidade – como a cultura, ou os meios de comunicação de massa – aos marcos racionais e de logicidade (Pesavento, 2012, p. 5, grifo da autora).

Nota-se que, questões culturais, geralmente, são moldadas por meios impressos, sobretudo em contextos que envolvem violência, morte, perversões, *fetiches*, *voyeurismo* e outros aspectos do comportamento humano, assim como ocorreu na representação de Suzane Von Richthofen, quando a imprensa não se desviou dessa tendência. A cobertura do caso refletiu uma cultura patriarcalista, que estabelece o homem como um ser viril, sério e associado à violência, enquanto a mulher é retratada como passiva e frágil. Este estereótipo de gênero predominante influenciou a forma como Suzane Von Richthofen foi representada em meios de

comunicação, evidenciando um padrão de tratamento que reforça desigualdades de gênero e perpetua visões preconceituosas sobre a mulher.

Nesse contexto, meios de comunicação, amiúde, refletem uma dominação masculina que, conforme sustenta Pierre Bourdieu, “(...) se realiza permanentemente desde que existem homens e mulheres, e por meio da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos” (Bourdieu, 2023, p. 137). Essa dominação perpetua a posição subordinada de mulheres, que são retratadas, geralmente, como objetos simbólicos dos homens, tanto no ambiente de trabalho quanto no acesso à educação e oportunidades, evidenciando como os meios de comunicação e outras instituições desempenham papel fundamental na criação e reprodução de desigualdades de gênero. Constatamos que, “(...) o jornalismo, em vez de cumprir sua função de fiscalizar e informar, frequentemente se dedica a entreter seus leitores, ouvintes e telespectadores por meio de escândalos e sensacionalismo” (Llosa, 2012, p. 55). Esse comportamento é notado na cobertura do caso Richthofen, pois a mídia utilizou estereótipos de gênero para adjetivá-la, desviando-se da função crítica e informativa que deveria desempenhar.

4 ANÁLISE DE REPORTAGENS DO CASO RICHTHOFEN: ALGUNS APONTAMENTOS

Esta seção tem o objetivo de quantificar e examinar reportagens sobre o caso Richthofen, coletadas em diferentes fontes, incluindo a Biblioteca do Senado, o acervo da *Folha de São Paulo* e do *Correio Braziliense*, dissertações acadêmicas e acervos pessoais de indivíduos conhecidos pelos autores. Essas reportagens utilizam adjetivos e expressões que qualificam Suzane von Richthofen como uma “não mulher”, em vez de tratá-la como “sujeita criminosa”. Desse modo, quantificamos essas reportagens e, posteriormente, analisamos o conteúdo dessas publicações por meio da análise de conteúdo, com o intuito de entender como o viés de gênero é empregado na cobertura do caso.

Com a coleta de dados, foram organizadas duas tabelas para sistematizar as informações encontradas e apresentar como a mídia retrata Suzane Von Richthofen. As representações refletem uma visão que rompe com modelos culturais estabelecidos por uma cultura machista e patriarcal, imersa em preconceitos de raça, classe e gênero. Para tanto, as tabelas visam evidenciar como a cobertura midiática perpetua estereótipos e discriminações, oferecendo uma análise crítica dessas práticas.

A cultura, tradicionalmente, posiciona o homem como ser forte, viril, dominador e, em muitos casos, violento por natureza, enquanto as mulheres são descritas no discurso patriarcal como seres frágeis e inocentes. Bourdieu (2023) observa que, o esperado pela sociedade consiste em as mulheres ser femininas, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou, até mesmo, apagadas. Quando vítimas, amiúde, são representadas como doentes mentais, loucas ou ingênuas. No entanto, o caso de Suzane Richthofen demonstra que, uma mulher criminosa desafia esses modelos, evidenciando a complexidade e diversidade de representações femininas no contexto social, cultural e criminal.

Ao adotar uma abordagem de gênero em sua análise, Joan Scott (2019) argumenta que, as hierarquias de gênero estão refletidas nas estruturas sociais e, continuamente, são reproduzidas e legitimadas por meio de práticas sociais, discursos culturais e instituições.

Destaca que, mulheres, historicamente, são dispostas em uma posição de subordinação em relação aos homens, subordinação sustentada por normas de gênero que privilegiam características associadas ao masculino e desvalorizam as associadas ao feminino. Dessa forma, a análise das reportagens permite examinar como essas desigualdades de gênero são moldadas e perpetuadas na mídia.

A Tabela 1 apresenta dados quantitativos relativos a reportagens acerca de Suzane Von Richthofen, sem incluir a análise de significados de adjetivos e expressões utilizados. O objetivo desta seção é demonstrar o conteúdo presente em fontes jornalísticas impressas, destacando que nem toda informação publicada não deve ser considerada como verdade absoluta.

Tabela 1: Quantidade de reportagens jornalística sobre Suzane Richthofen⁴

JORNAIS	2002	2003	2004	2005	2006	TOTAL
Folha de São Paulo	8	4	2	5	16	35
Correio Braziliense	6	5	3	3	11	28
TOTAL	14	9	5	8	27	63

Fonte: Elaborado pelos autores

⁴ Algumas reportagens consistem em breves notas que informam, de maneira geral, sobre o crime. Portanto, optamos por selecionar, exclusivamente, reportagens que abordam Suzane Von Richthofen.

Esta tabela apresenta registros de publicações em jornais sobre o caso, desde o crime, ocorrido em 2002, até à condenação dos réus, em 2006. As manchetes, frequentemente, incorporam expressões discriminatórias de gênero, retratando Suzane Von Richthofen como “não mulher”, por ela não se conformar a moldes patriarcais da sociedade. Segundo Heleieth Saffioti, mulheres, “(...) são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem” (Saffioti, 2015, p. 37). Diante dessa perspectiva, a criminosa não se encaixa nesse discurso normativo.

Os dados da tabela estão dispostos cronologicamente, abrangendo o período de 2002 a 2006. A organização foi realizada a partir de dois importantes veículos de comunicação de massa, a saber, *Folha de São Paulo* e *Correio Braziliense*, ambos de grande circulação nacional. Observa-se que, em 2002, ano do crime, a cobertura midiática somou 14 reportagens entre os dois jornais. Entretanto, essa cobertura diminuiu nos anos subsequentes, com apenas cinco reportagens em 2004, sugerindo um declínio temporário no interesse da imprensa e do público pelo caso.

Em 2006, no entanto, ano marcado pelo julgamento e condenação dos réus, verifica-se um novo aumento significativo no número de reportagens, totalizando 27 publicações, comprovando o retorno da atenção midiática em resposta a desdobramentos judiciais. Esse procedimento é crucial, pois corresponde à análise preliminar, referente a primeira etapa proposta para a organização da análise de conteúdo. Essa fase é fundamental para o processo, uma vez que, estabelece bases para um juízo sistemático e estruturado. Após a coleta dos dados, o próximo passo é a codificação. Para tanto, é essencial a organização dos materiais e avaliar, de forma criteriosa, quais elementos fazem sentido para análise, além de identificar lacunas que precisam ser preenchidas (Bardin, 2020).

Na Tabela 2, há expressões e adjetivações publicadas nos jornais *Folha de São Paulo*, as quais retratam Suzane von Richthofen a partir de estereótipos de gênero.

Tabela 2: Frases sobre Suzane em edições da *Folha de São Paulo*

ANO	NÚMERO	CITAÇÃO	DATA
2002	1	Suzane poderia estar vivendo sua paixão proibida na imensidão dos Lençóis Maranhenses	11 nov. 2002

2002	2	No enterro, de top curtinho, calça preta com umbigo bronzeado à mostra	16 nov. 2002 22 dez. 2002
2002	3	Loura, jovem, bonita, bem tratada e de cabelos longos de fazer inveja a qualquer comercial de xampu	18 fev. 2003
2003	7	Tudo por amor, já que os pais olhavam torto para o romance e chegaram a proibi-la de ver Daniel	28 abr. 2003
2003	8	Suzane era dominada pelo namorado e essa dominação era insuportável	31 out. 2003
2004	9	Mulher apaixonada é capaz de qualquer coisa, até de matar	12 ago. 2004
2004	13	Tudo por amor, já que os pais olhavam torto para o romance e chegaram a proibi-la de ver Daniel	23 out. 2004
2004	14	Suzane foi coagida pelo namorado a praticar o crime. Ela o amava tanto que era capaz de fazer qualquer coisa. Até mesmo, ir contra os pais e matá-los	25 nov. 2004
2005	15	Se a Suzane não tivesse conhecido Daniel, os pais dela poderiam estar vivos neste momento	22 mai. 2005
2005	19	Dizer que Suzane não representa risco à sociedade é uma loucura. Se ela não representa risco, então, temos que tirar 80% dos presos da cadeia	24 mai. 2005
2005	20	Ela é como Bia Falcão, da novela <i>Belíssima</i> , rica, poderosa e mandona	19 nov. 2005
2006	21	Suzane estava escravizada, submissa a Daniel, seu ex-namorado, o homem de sua vida	22 jun. 2006
2006	25	Ela foi escravizada psíquica e sexualmente. Antes do Daniel, nem sabia o que era sensação sexual	22 jun. 2006
2006	26	Mulher apaixonada faz qualquer negócio. Homem apaixonado chega até o grau nove de obsessão e loucura. Mulher apaixonada chega ao grau 10	22 jun. 2006
2006	27	Mulher é assim. Mulher conhece um mecânico, com unhas de graxa e acha lindo. Quando ele tira a virgindade, ele vira Brad Pitt	20 jul. 2006
TOTAL	16		

Fonte: Elaborado pelos autores

A Tabela 2 apresenta outras frases e qualificativos, publicados no *Correio Braziliense*, os quais, também, retratam Suzane von Richthofen partindo de estereótipos de gênero.

Tabela 3: Frases sobre Suzane em edições do *Correio Braziliense*

ANO	NÚMERO	CITAÇÃO	DATA
2002	4	Suzane: vadia e vagabunda	04 nov. 2002
2002	5	Estava com um vestido pretinho descolado no enterro, com a barriguinha sarada à mostra	16 nov. 2002
2002	6	Ela tinha obsessão e vício pelo namorado	26 nov. 2002
2003	10	Loura má	02 abr. 2003
2003	11	Ela era uma escrava, uma mulherzinha manipulada	27 nov. 2003

2003	12	Mulher apaixonada faz qualquer negócio	01 nov. 2003
2004	16	Uma mulher pode levar um homem ao sucesso e à glória ou a desgraça total	25 jul. 2004
2004	17	Ela foi seduzida por Daniel e convencida a ajudar no crime	23 nov. 2004
2004	18	Suzane sofreu uma coação irresistível	24 nov. 2004
2005	22	Ela era inocente e pura. Fazia tudo o que o namorado mandava. Até se drogar	12 set. 2005
2005	23	Ela jura amor eterno, quer casar e ter filhos com Daniel. O chama nas cartas de ursinho panda	26 nov. 2005
2005	24	Daniel manipulava a garota. Dava muita droga para ela e dizia que se ela o amasse que era para fazer isso ou aquilo	27 nov. 2005
2006	29	Suzane levou um tapa na cara no dia das mães. O pai tinha o hábito de passar as mãos nas suas partes íntimas	20 jun. 2006
2006	30	Ela era uma pessoa dominada, era um cachorrinho, e estava apaixonada. O Daniel foi seu primeiro amor	21 jun. 2006
2006	31	Com pantufas de coelhinho e blusa da Minnie, a jovem encarnou um personagem frágil e assustado	22 jun. 2006
2006	32	Nessa hora, ela deixa de beijar o periquito e abraça o capeta	22 jul. 2006
TOTAL	17		

Fonte: Elaborado pelos autores

Para esse estudo, nos baseamos na abordagem da análise de conteúdo, uma vez que, ela se configura como técnica investigativa, cujo objetivo é a descrição sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Considera-se, por meio de uma análise qualitativa, a presença ou ausência de uma característica de conteúdo ou conjunto de características, em um determinado fragmento de mensagem (Bardin, 2020). Após a análise preliminar do conteúdo, a exploração e análise do material, etapa em que o pesquisador se dedica ao exame de dados coletados, aplicando procedimentos de codificação e categorização para extrair significados culturais, sociais e políticos fez-se necessária.

A análise pode ser conduzida a partir de diferentes unidades como palavras, frases, temas ou conceitos específicos, dependendo do material de pesquisa. A primeira fase da codificação consiste em definir o que será registrado para exame de conteúdo, como, por exemplo, em uma análise de reportagens sobre o caso Richthofen, podem ser identificados registros como expressões e palavras que indicam julgamentos morais, representações de gênero ou descrições da personalidade de Suzane Von Richthofen (Bardin, 2020). Para a categorização, organizamos as reportagens por conteúdo e tema, dentro de abordagens de gênero, conforme apresentação a seguir:

a. Representação de gênero e sexualidade

Suzane Von Richthofen é descrita em termos de sua aparência física e comportamento sexual. Alguns exemplos incluem: “No enterro, de top curtinho, calça preta com umbigo bronzeado à mostra” (Folha de São Paulo, 16 nov. 2002); “Loura, jovem, bonita, bem tratada e de cabelos longos de fazer inveja a qualquer comercial de xampu” (Folha de São Paulo, 11 dez. 2002); “Suzane no julgamento, não usava mais a blusa infantilizada. Usava brincos de argola grandes, cabelos avermelhados, unhas feitas e magra” (Folha de São Paulo, 20 jul. 2006).

b. Manipulação e submissão

A percepção de Suzane von Richthofen sendo descrita como dominada ou manipulada por Daniel é destacada. Citamos como exemplos: “Suzane era dominada pelo namorado e essa dominação era insuportável” (Folha de São Paulo, 28 abr. 2003), “Ela era uma escrava, uma mulherzinha manipulada” (Correio Braziliense, 27 nov. 2003), “Suzane foi coagida pelo namorado a praticar o crime” (Folha de São Paulo, 23 nov. 2004).

c. Amor e paixão destrutiva

Também, os jornais exploram a ideia de que, Suzane von Richthofen foi incentivada a cometer o crime por amor. Isso é evidenciado nas seguintes linhas: “Mulher apaixonada é capaz de qualquer coisa, até de matar” (Folha de São Paulo, 31 out. 2003), “Mulher apaixonada faz qualquer negócio” (Correio Braziliense, 01 nov. 2003), “Ela jura amor eterno, quer casar e ter filhos com Daniel” (Correio Braziliense, 26 nov. 2005).

d. Estereotipagem e moralização

Os jornais, igualmente, atribuíram características negativas ou estereotipadas a Suzane von Richthofen. Exemplos incluem: “Suzane: vadia e vagabunda” (Correio Braziliense, 04 nov. 2002), “Loura má” (Correio Braziliense, 02 abr. 2003), “Nessa hora, ela deixa de beijar o periquito e abraça o capeta” (Correio Braziliense, 22 jul. 2006).

Merece um parágrafo para encerrar.

5 DISCUSSÃO: ALIANDO TEORIAS, CONCEITOS E MÉTODOS

Observamos que, a partir da análise de conteúdo é possível notar a frequência com que certos termos e temas de crime possuem ligação com Suzane von Richthofen. Publicações

descrevem-na com adjetivos como “louca, vadia e vagabunda”, termos esses, permeados por carga de discriminação de gênero. Essa organização dos dados segue a metodologia proposta por Laurence Bardin (2020), que enfatiza a importância de examinar a frequência e carga semântica de termos para compreender como categorias e estereótipos são construídos e reforçados na mídia.

A partir do conteúdo das reportagens, há um retorno ao discurso patriarcal tradicional sobre o papel da mulher, considerada responsável por buscar, cuidar do marido e manter a ordem doméstica (Saffioti, 2015). Segundo o pensamento patriarcal, a mulher deve “(...) servir de musa para inspirar o marido e os filhos a serem homens honrados (...)” (Ismério, 1995, p. 34).

Nesse contexto, a representação de Suzane von Richthofen conjectura uma violência de gênero, por ser descrita como “não mulher”, por não se encaixar no modelo patriarcal que exige submissão e passividade de mulheres. Para superar esse olhar estereotipado é essencial desconstruir estigmas femininos de docilidade, submissão e perfeição como mãe, filha e esposa. É necessário reconhecer mulheres como sujeitas históricas que podem se comportar de maneira rebelde e agressiva, sem, no entanto, isentá-las de suas responsabilidades diante da lei, enquanto criminosas (Caleiro, 2002).

Nesse sentido, observa-se que, a espetacularização de casos de violência e morte na imprensa gera uma significativa lucratividade para veículos de comunicação, além de aumentar o tráfego dessas plataformas. Casos sensacionalistas como o de Suzane von Richthofen, atraem um público massivo para bancas de jornais e *sites* de notícias, expandindo a base de leitores e espectadores. A alta demanda por tais conteúdos permite a venda de espaços publicitários a valores elevados, em razão do intenso interesse do público. No entanto, é relevante questionar o que motiva pessoas a escolherem um jornal sensacionalista, em vez de uma publicação sem tal teor. O que diferencia esses jornais dos demais? Como podemos compreender essas preferências?

A resposta para essas questões pode ser esclarecida por meio de um caminho que leva à exclusão: leitores de jornais sensacionalistas e, em particular, de publicações populares, frequentemente têm uma formação cultural que atrai esses tipos de conteúdo. Observamos que, há jornais que estruturam suas matérias de maneira a provocar uma reação emocional imediata nesse público identificado mais com o conteúdo dessas reportagens. Em contraste, existe um

outro tipo de indivíduo, cuja tendência consiste em uma abordagem mais crítica e reflexiva em relação a informações, ou seja, sua preferência por fontes de informação é mais controlada e crítica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da cobertura da imprensa do caso Richthofen aponta para como a busca por sensacionalismo e lucro pode comprometer a ética jornalística. A espetacularização de eventos, marcada pela frequência de certos adjetivos utilizados, mostra a tendência de veículos de comunicação que exploram narrativas que reforçam estereótipos de gênero e perpetuam desigualdades. Abordagens sensacionalistas possibilitam distorcer fatos, além de reforçar modelos patriarcais, ao mesmo tempo que estigmatizam figuras femininas por meio do uso de determinados rótulos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marinalva. **História cultural da imprensa: o tempo presente Brasil (1980-2010)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: Almeida Revista e Atualizada. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CALEIRO, Regina Célia Lima. **História e crime: quando a mulher é a ré Franca 1890-1940**.

CAPELATO, Maria Helena. História do Tempo Presente: a grande imprensa como fonte e objeto de estudo. p. 299-315. In: DELGADO, L. A. N., FERREIRA, M. M (org.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CASOY, Ilana. **Casos de família: arquivos Richthofen e arquivos Nardoni**. Rio de Janeiro, 2019.

CORREIO BRAZILIENSE. Com pantufas de coelho e blusa da Minnie, a jovem encarnou um personagem frágil e assustado. **Correio Braziliense**. 22 jun. 2006.

CORREIO BRAZILIENSE. Daniel manipulava a garota. Dava muita droga para ela e dizia que se ela o amasse que era para fazer isso ou aquilo. **Correio Braziliense**. 27 nov. 2005.

CORREIO BRAZILIENSE. Ela era inocente e pura. Fazia tudo o que o namorado mandava. Até se drogar. **Correio Braziliense**. 12 set. 2005.

CORREIO BRAZILIENSE. Ela era uma escrava, uma mulherzinha manipulada. **Correio Braziliense**. 27 nov. 2003.

CORREIO BRAZILIENSE. Ela era uma pessoa dominada, era um cachorrinho, e estava apaixonada. O Daniel foi seu primeiro amor. **Correio Braziliense**. 21 jun. 2006.

CORREIO BRAZILIENSE. Ela foi seduzida por Daniel e convencida a ajudar no crime. **Correio Braziliense**. 23 nov. 2004.

CORREIO BRAZILIENSE. Ela jura amor eterno, quer casar e ter filhos com Daniel. O chama nas cartas de ursinho panda. **Correio Braziliense**. 26 nov. 2005.

CORREIO BRAZILIENSE. Ela tinha obsessão e vício pelo namorado. **Correio Braziliense**. 26 nov. 2002.

CORREIO BRAZILIENSE. Estava com um vestido pretinho descolado no enterro, com a barriguinha sarada à mostra. **Correio Braziliense**. 16 nov. 2002.

CORREIO BRAZILIENSE. Loura má. **Correio Braziliense**. 02 abr. 2003.

CORREIO BRAZILIENSE. Mulher apaixonada faz qualquer negócio. **Correio Braziliense**. 01 nov. 2003.

CORREIO BRAZILIENSE. Nessa hora, ela deixa de beijar o periquito e abraça o capeta. **Correio Braziliense**. 22 jul. 2006.

CORREIO BRAZILIENSE. Suzane levou um tapa na cara no dia das mães. O pai tinha o hábito de passar as mãos nas suas partes íntimas. **Correio Braziliense**. 20 jun. 2006.

CORREIO BRAZILIENSE. Suzane sofreu uma coação irresistível. **Correio Braziliense**. 24 nov. 2004.

CORREIO BRAZILIENSE. Suzane: vadia e vagabunda. **Correio Braziliense**. 04 nov. 2002.

CORREIO BRAZILIENSE. Uma mulher pode levar um homem ao sucesso e à glória ou a desgraça total. **Correio Braziliense**. 25 jul. 2004.

FELTES, A. F.; SCHNEIDER, L.; SEBASTIANY, E. G.; KUHN JUNIOR, N.; SANFELICE, G. R. A construção midiática do herói: a representação de Rafaela Silva na Folha de São Paulo nos Jogos Olímpicos/Rio 2016. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 24, 2021.

Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/62570>. Acesso em: 24 out. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. Dizer que Suzane não representa risco à sociedade é uma loucura. Se ela não representa risco, então, temos que tirar 80% dos presos da cadeia. **Folha de São Paulo**. 22 mai. 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ela é como Bia Falcão, da novela Belíssima, rica, poderosa e mandona. **Folha de São Paulo**. 24 mai. 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ela foi escravizada psíquica e sexualmente. Antes do Daniel, nem sabia o que era sensação sexual. **Folha de São Paulo**. 22 jun. 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. Loura, jovem, bonita, bem tratada e de cabelos longos de fazer inveja a qualquer comercial de xampu. **Folha de São Paulo**. 22 dez.2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mulher apaixonada é capaz de qualquer coisa, até de matar. **Folha de São Paulo**. 31 out. 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mulher apaixonada faz qualquer negócio. Homem apaixonado chega até o grau nove de obsessão e loucura. Mulher apaixonada chega ao grau 10. **Folha de São Paulo**. 22 jun. 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mulher é assim. Mulher conhece um mecânico, com unhas de graxa e acha lindo. Quando ele tira a virgindade, ele vira Brad Pitt. **Folha de São Paulo**. 22 jun. 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. No enterro, de top curtinho, calça preta com umbigo bronzeado à mostra. **Folha de São Paulo**. 16 nov. 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. Se a Suzane não tivesse conhecido Daniel, os pais dela poderiam estar vivos neste momento. **Folha de São Paulo**. 25 nov. 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. Suzane era dominada pelo namorado e essa dominação era insuportável. **Folha de São Paulo**. 28 abr. 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. Suzane estava escravizada, submissa a Daniel, seu ex-namorado, o homem de sua vida. **Folha de São Paulo**. 19 nov. 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Suzane no julgamento, não usava mais a blusa infantilizada. Usava brincos de argola grandes, cabelos avermelhados, unhas feitas e magra - esqueça a gorducha de biquíni de antes. **Folha de São Paulo**. 20 jul. 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. Suzane poderia estar vivendo sua paixão proibida na imensidão dos Lençóis Maranhenses. **Folha de São Paulo**. 11 nov. 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tudo por amor, já que os pais olhavam torto para o romance e chegaram a proibi-la de ver Daniel. **Folha de São Paulo**. 18 fev. 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tudo por amor, já que os pais olhavam torto para o romance e chegaram a proibi-la de ver Daniel. **Folha de São Paulo**. 12 ago. 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tudo por amor, já que os pais olhavam torto para o romance e chegaram a proibi-la de ver Daniel. Suzane foi coagida pelo namorado a praticar o crime. Ela o amava tanto que era capaz de fazer qualquer coisa. Até mesmo, ir contra os pais e matá-los. **Folha de São Paulo**. 23 out. 2004.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: a moral e o imaginário 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, violência e patriarcado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.